

Como propor a fé aos jovens de hoje?

Como uma força para viver!

Tradução e resumo do documento da Assembleia dos Bispos do Quebec

Apresentação

Propor a fé, no contexto sociocultural de hoje supõe muitos desafios...

As crianças, os adolescentes e os jovens crescem num ambiente onde a cultura religiosa já não ocupa um lugar de destaque.

Apesar da fé cristã já não ocupar um lugar de realce na vida real, não deixa de ser verdade que as novas gerações procuram dar um sentido às suas vidas... e continuam a colocar-se as grandes questões sobre a existência humana.

Partindo desta realidade, não podemos propor o Evangelho, a Boa Nova de Jesus Cristo como um conhecimento a transmitir... mas sim como uma resposta às grandes questões que os jovens se colocam...

(Este documento dos bispos do Quebec pretende oferecer pontos de referência e sugerir itinerários a seguir na hora de propor a fé aos jovens de hoje).

Introdução

Um mundo em mudança

Numa paisagem sociorreligiosa tão diferente... Como despertar a fé, no mundo juvenil? Como reunir os jovens? Como tomar consciência da novidade com que nos enfrentamos?

Vivemos numa sociedade, marcada pela mentalidade secularizada, uma sociedade cada vez mais plural, onde a memória cristã se esbate cada vez mais - a prática religiosa continua a diminuir. Para muitos, a religião é um assunto do passado, e para outros é uma opção pessoal (privada), que se procura manter na esfera da consciência.

É preciso avaliar as possibilidades e os limites dos diversos lugares e estratégias, em que temos vindo a fazer a proposta da fé (famílias, paróquias, escolas, movimentos...).

É preciso avaliar as possibilidades e limites dos novos espaços: meios de comunicação, canais de distribuição cultural...

Urge tomar consciência das novas características da nossa cultura, que modificam consideravelmente tudo o que se refere ao religioso. Estas características são, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma possibilidade: elas esboçam já o perfil da Igreja do séc. XXI.

Recordamos algumas das características que definem de modo especial, a mentalidade actual e a sensibilidade de muitos jovens... É preciso reconhecer que não podemos colocar os jovens todos ao mesmo nível cultural; existe entre eles uma grande diversidade de interesses, capacidades e motivações.

1. Uma cultura, marcada pelos meios de comunicação

O horizonte dos jovens é, de hoje em diante, o mundo das imagens e da informação. Imagens variadas, sedutoras, fragmentadas. Ao captar a atenção dos jovens, os meios de comunicação desenvolvem neles novos modos de pensar e novas vias de acesso ao conhecimento. Esta

evolução põe em questão o discurso religioso tradicional e as práticas pedagógicas usuais. Por outro lado, desafia-nos positivamente a renovar os modos de comunicação da fé, por meio de vias que - como veremos - até nem são desconhecidas da grande tradição cristã.

2. Uma cultura, marcada pelo pluralismo

Os jovens crescem em contacto com a diversidade: etnias, línguas, religiões, comportamentos... Esta diversidade sente-se e vive-se no seio da própria família e da própria comunidade católica. Este pluralismo pode conduzir à indiferença, ou também abrir-se à tolerância e à liberdade.

3. Uma cultura que valoriza a autonomia das pessoas

“Ser eu mesmo” constitui hoje uma reivindicação primordial. A tarefa principal dos jovens é construir a sua identidade. Quanto mais procuram pontos de referência mais se indignam contra toda a tentativa de recrutamento ou adoutrinamento.

No domínio da fé, esta atitude muda a relação dos jovens com a tradição, com a autoridade dos pais ou da igreja. Para os jovens, estes já não têm a última palavra. Os jovens reivindicam o direito a expressar-se e a escolher. Isto supõe o risco de andar como vagabundos, de experiência em experiência. Mas também é provável que algum dia cheguem a dizer “eu creio!”

4. Uma cultura democrática, que valoriza a participação e o debate

Desde muito cedo, as crianças lançam as perguntas mais radicais: Quem é Deus? Qual é o teu Deus? Para que serve a religião? Querem debater, discutir... tem a sua opinião. As interrogações e os debates podem fazer tremer as certezas... Mas é este o caminho obrigatório para ir ao encontro da verdade, para que os jovens se possam apropriar dela, para que possam recuperar a fé.

5. Uma cultura pragmática, crítica e marcada pela ciência e a técnica

Um dos principais objectivos da escola actual é desenvolver nos jovens o espírito científico, através do pensamento crítico e da observação sistemática da realidade. Tudo deve ser observado e demonstrado. A verdade mede-se pela eficácia. Esta visão científica da realidade parece contrastar facilmente com a visão da fé. Isto pode constituir uma boa ocasião para trabalhar com os jovens as vias de acesso à verdade e a relação entre a ciência e a fé. Também pode ser uma boa oportunidade para descobrir que a fé deve ser pragmática, no sentido em que “uma fé sem obras está morta” (Tiago 2, 17).

Esta realidade representa para nós um grande desafio. Devemos repensar e renovar o modo como concebemos e pomos em prática a educação da fé.

1. Uma perspectiva de renovação

***A educação da fé não é em primeiro lugar,
Uma questão de reunir recursos;
Mas é sobretudo uma questão de descobrir a fonte***

Em função da situação cultural que acabamos de evocar, queremos destacar dois aspectos que urge mudar, no modo como propomos a fé aos jovens de hoje.

1.1 Do rio à fonte

Estávamos habituados a pensar que a transmissão da fé seguia o modelo do “rio”, que cresce pouco a pouco, com a água que recebe dos seus afluentes. Assim, a educação da fé tinha a sua fonte no seio da família; depois na etapa da infância e adolescência, o rio alargava o seu caudal com os afluentes: a escola e ensino religioso na escola. Mais tarde, as paróquias ofereciam a sua colaboração, durante o resto do trajecto até ao declinar da vida.

Esta imagem do rio e dos afluentes já não corresponde à realidade da transmissão da fé. Os lugares institucionais que a caracterizavam são objecto de uma lenta e contínua desconexão. Temos de passar a um outro modelo. Nos dias de hoje é cada vez mais importante subir até onde a fé encontra a sua fonte. Isto é: temos de ir ao coração da experiência das pessoas. A fonte encontra-se nas pessoas, nos momentos essenciais das suas vidas, as experiências básicas, fundamentais, onde se manifestam os primeiros indícios da fé.

Na Bíblia quando os apoios religiosos tradicionais eram eliminados (veja-se o povo de Deus no exílio) os profetas anunciavam que Deus voltaria a estabelecer a sua Aliança, a partir do coração dos homens.

“Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Dentro de vós porei o meu espírito, fazendo com que sigais as minhas leis e obedeçais e pratiquéis os meus preceitos” (Ez 36, 26-27).

Jeremias aprofunda ainda mais esta ideia:

“Dias virão em que firmarei uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá - oráculo do Senhor. Não será como a aliança que estabeleci com seus pais, quando os tomei pela mão para os fazer sair da terra do Egipto, aliança que eles não cumpriram, embora Eu fosse o seu Deus - oráculo do Senhor.

Esta será a Aliança que estabelecerei, depois desses dias, com a casa de Israel - oráculo do Senhor: Imprimirei a minha lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu coração. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Ninguém ensinará mais o seu próximo ou o seu irmão, dizendo: 'Aprende a conhecer o Senhor!' Pois todos me conhecerão, desde o maior ao mais pequeno, porque a todos perdoarei as suas faltas, e não mais lembrarei os seus pecados» - oráculo do Senhor” (Jer 31, 31-34).

Uma lei inscrita nos corações, na fonte.

Esta mesma imagem inspira o diálogo de Jesus com a samaritana.

A samaritana, uma “marginal” no seu tempo, “distante” na sua fé e “irregular” na sua vida conjugal... é a esta mulher que Jesus pede água. Dentro dela, Jesus desperta a fonte que jorra para a vida eterna.

Na parábola dos convidados para a festa, o Senhor convida os seus criados a ir “à saída dos caminhos”, aos lugares onde estão as pessoas; é aí onde a fé pode iniciar-se e onde pode começar a fundar-se.

Voltar à fonte é, sobretudo, procurar extrair a experiência espiritual que brota da vida, que nos faz pressentir o essencial, que nos desperta, que nos põe a caminho, que nos faz viver.

É aprender a reconhecer, nas diferentes etapas da vida, esta fonte que o Espírito faz brotar no coração das pessoas como um dom, uma fecundidade nova. “Escuta em ti a fonte que te fala do amor” (cântico litúrgico)... “Ouço em mim como que um murmúrio de água viva que diz: Vem ao Pai!” (Inácio de Antioquia).

É importante voltar a esta inspiração profunda. A educação na fé não é, em primeiro lugar, uma questão de reunir recursos; é, sobretudo, uma questão de descobrir a fonte.

1.2 Dos programas aos itinerários (aos projectos).

A situação cultural dos nossos dias convida-nos ainda a fazer outra mudança: é preciso passar dos cursos aos itinerários. O que é que isto quer dizer?

A palavra **curso** evoca a ideia de programa – uma série de lições sobre a doutrina cristã. Faz-nos pensar em verdades ensinadas. Traz-nos à mente o perigo da repetição e do adoutrinamento.

A palavra **itinerário** propõe, sobretudo, a ideia de aprendizagem da verdade. Dá lugar à pessoa, à sua autonomia, à sua evolução. Passa de uma verdade aprendida a uma verdade apreendida e experimentada. Evoca uma verdade consolidada, que desemboca na convicção pessoal.

Propor hoje a fé é muito mais do que oferecer conteúdos (dar aulas). É, sobretudo, oferecer-lhes projectos de vida.

A palavra **projecto** tem aqui um sentido existencial, amplo e profundo. Um **projecto** é um trajeto, um itinerário mais ou menos longo. Uma experiência de caminhada solitária ou acompanhada. Um **projecto** é uma experiência vivida, que toca todas as dimensões da pessoa (física, intelectual, afectiva, espiritual). É um período da vida, com tudo o que supõe de descobertas, encontros, tensões, conhecimentos adquiridos e progressos. Mais do que um conjunto de actividades ou estratégias pedagógicas, um **projecto** é a imersão na realidade, de onde saímos de alguma forma transformados.

Aquilo que aqui queremos dizer com a palavra **itinerário** fica bem ilustrado no episódio evangélico dos discípulos de Emaús. (No caminho, descobrimos a presença do ressuscitado, que nos desperta para uma nova esperança e nos põe de novo a caminho na direcção dos nossos irmãos, na direcção de Jerusalém).

Novos caminhos

Se admitimos esta dupla mudança de perspectiva - do rio para a fonte, dos programas para os itinerários - muitas coisas mudam na forma como estamos chamados a propor a fé.

No passado a primeira pergunta era: como distribuir a doutrina cristã para a propor aos jovens nas diversas etapas (infância, adolescência...) que conteúdo da fé para cada um dos anos de escolaridade? Pensava-se num conjunto de lições (conteúdos) a propor de forma progressiva...

Na perspectiva agora indicada a primeira pergunta é outra:

Quais são os caminhos ou projectos de iniciação a propor? E através destes projectos quais são os elementos da tradição católica? Quais as histórias / as parábolas / as páginas da escritura / quais os símbolos os ritos litúrgicos? Quais os relatos da história da nossa igreja? Quais os acontecimentos eclesiais que seriam para eles particularmente significativos?

Esta imagem de caminho de itinerário animanos... a imagem de um caminho aberto que vem de longe... pelo qual caminharam muitos outros – guiados pelo Espírito de Deus...

Este caminho está hoje diante de nós com um terreno novo, novas paisagens, com um relevo escarpado... cada um está chamado a fazê-lo ao seu ritmo... mas espera encontrar os indicadores que permitam avançar – na direcção boa – com a força que vem de Deus.

Em seguida apresentamos alguns caminhos a explorar que podem iluminar directa ou indirectamente esta proposta de fé para os jovens...

São como pedras ou painéis que podem servir de referência / sinais no caminhar...

2. Caminhos para explorar

**Numa época em que muitos jovens
sofrem de um certo fastio, em relação à vida
(têm dificuldades em encontrar um sentido para a vida),
a fé no Deus da vida é inseparável da fé na vida.**

Os tempos mudam, mas os caminhos que conduzem à profundidade do mistério não mudam tanto. São os mesmos caminhos que gerações de homens e mulheres, que nos precederam, já andaram, esperando as mesmas saídas, tropeçando com as mesmas dificuldades... estes caminhos de iniciação são múltiplos...é em primeiro lugar o caminho da vida, com as suas alegrias e fragilidades. O caminho do serviço. O caminho da Palavra partilhada entre crentes. O caminho da oração interior. O caminho do pão partido em memória do ressuscitado.

2.1 O caminho da vida: doce e amarga

A Palavra está desde o princípio no coração da vida, no coração das histórias singulares de cada um daqueles a que m Deus se aproxima.

«a Palavra está completamente junto a ti, na tua boca, no teu coração para que a ponhas em prática» (Dt 30,14)

Esta Palavra de Deus sussurra, através de cada um dos acontecimentos que vão formando o filme da nossa vida. A vida é maravilhosa e frágil. Maravilhosa como os esplendores da criação e frágil como a nossa saúde. Doce como a alegria de viver e como os nossos amores. E amarga nas dificuldades, na violência e insensibilidade do mundo.

Os jovens não escapam a esta experiência da vida: doce e amarga.

Experiências como alegria de viver, de crescer, de jogar, de descobrir, de servir, de trinufar. Experiências como a dor, a dureza do trabalho, a solidão, a violência, o fracasso, as famílias «em ruptura», o sofrimento, o luto, a pobreza, o futuro incerto... É nas alegrias e nas tristezas que os jovens vão experimentar e aprofundar o gosto pela vida. Têm de descobrir que mesmo quando a vida é dura, ela é vida, e tem um melhor sabor que a morte.

O drama espiritual, de que se fala em relação aos jovens, tem a sua origem nesta “crise de confiança” (dificuldade para acreditar, crer) que vai muito para além do fenómeno religioso. Muitos, até demasiados jovens, não chegam a confiar na vida, a confiar no amor, a acreditar nos adultos, a acreditar no futuro. Como poderão chegar a acreditar em Deus?

É, pois, fundamental acompanhá-los no caminho das suas vidas, para aumentar o campo das suas aspirações, para os ajudar a aceitar, ao mesmo tempo, a dureza e a beleza da existência.

Num tempo em que muitos jovens sofrem de um certo fastio em relação à vida têm dificuldades em encontrar um sentido para a vida, a fé no Deus da vida é inseparável da fé na vida.

2.2 O caminho da ajuda solidária

Actualmente a experiência do serviço - social, comunitário, desportivo, humanitário, eclesial - indica muitas vezes o início de um processo de crescimento moral, espiritual e religioso dos jovens.

Nste tempo do discurso vazio de conteúdos e da verborreia «inutil» -quase por todo o lado – MCS, escola... os jovens mostram-se particularmente sensíveis aos gestos... aos actos...

Através de uma ajuda concreta, os jovens aprendem a superar-se, apresentam ou descobrem a transcendência, o “sacramento do irmão”.

«cada vez que o fizerdes a um dos meus irmãos mais pequenos é a mim que o fazeis» (Mt 25, 40).

2.3 O caminho da Palavra compartilhada

O caminho da palavra captada, aprendida, libertada, expressada, escutada, debatida. A experiência da palavra é absolutamente primordial e constitutiva da pessoa. Por isso é que as crianças gostam de aprender a falar, ...perguntam tantas vezes «porquê»... e os adolescentes passam tanto tempo «juntos» «para falar».

Por isso não é estranho que na experiência cristã a Palavra tenha um lugar privilegiado. Ela brota da confluência entre a experiência humana e a presença activa de Deus. ela é acolhida em primeiro lugar no coração da vida, partilhada na fraternidade entre irmãos crentes, ouvida nos realtos bíblicos dos primeiros testemunhos da fé, proclamada e meditada nas assembleias de oração... a Palavra evoca sem cessar, interpela, ilumina, confirma...

É importante que os jovens possam realizar a experiência da Palavra, que os ajuda no encontro consigo próprios, ao mesmo tempo que descobrem a Palavra de Deus, que os desperta e convida a seguir em frente, que os liberta e cura. A aprendizagem deste diálogo entre a palavra humana e a palavra de Deus supõe um contacto suficientemente frequente e, sobretudo, significativo com a Bíblia, num contexto de verdadeira fraternidade.

2.4 O caminho da oração interior

O caminho da interioridade é o caminho do coração. Apesar do que possa parecer, é talvez o caminho mais frequentado.

(Sondagens recentes dizem que 7 em cada 10 jovens dizem fazer oração, mesmo, quando a maioria não frequenta as igrejas).

A oração é muitas vezes uma prática íntima fundamental – aquela que o espírito faz brotar no fundo dos corações – as vezes muito antes de outras acções. É igualmente a prática mais viva, aquela que se guarda, que dura mais tempo – mesmo quando todas as outras prática «religiosas» se esqueceram. A oração alimenta, ensina a beber no nosso «próprio poço», na nossa «fonte»...

A oração tb é fruto de uma aprendizagem. Podemos falar de uma iniciação à oração. Enquanto crianças rezamos balbuciando, como adultos a nossa oração assemelha-se a gritos dirigidos a Deus com frases aprendidas, recebidas da tradição: obrigado, vem em nosso auxílio, tem piedade de nós! Pouco a pouco chega a ser um caminho de aceitação, compromisso com a vida... é tb recolhimento... A oração ajuda-nos a aceitar a vida, com as suas sombras, as suas falhas e os seus pesados silêncios. É ocasião para contarmos a nossa vida diante de Deus, de a pararmos por um instante, para a recebermos d’Ele, sentindo a alegria da eternidade.

2.5 O caminho do pão partilhado (eucaristia)

O caminho de Emaús. O caminho do encontro com os sinais do ressuscitado. É a experiência da vida lida e narrada à luz da Palavra. É a experiência da vida iluminada e celebrada na certeza da sua proximidade, da sua Presença. É a experiência do Senhor que nos encontra e nos acompanha nos caminhos do humano: nascimento, crescimento amor, perdão, doença, morte...

É a experiência dos encontros sacramentais, que marcam a existência dos crentes, como “fontes de água”, situadas nas encruzilhadas estratégicas da vida, como uma espécie de oásis de repouso e intimidade, para repor as forças para o caminho.

Entre estes sinais, o mais eminente é a Eucaristia, sinal e memória de Jesus, que dá a sua vida pela salvação do mundo... e nos convida a fazer o mesmo, seguindo o seu exemplo. É por isso que na iniciação cristã sempre se deu um lugar importante à experiência da assembleia comunitária para partilhar a Palavra e o Pão em memória d’Ele.

Sabemos da dificuldade que têm os jovens para se reunirem nas nossas Eucaristias... Como superar esta dificuldade, que eles caracterizam como sendo “frases feitas”, “leituras difíceis e ritos ultrapassados”? O grande desafio é abrir para os jovens um espaço simbólico, onde a sua própria palavra se transforme em eco da Palavra de Deus. Um espaço, onde os seus olhos se possam abrir ao mistério de uma vida gratuitamente oferecida por amor, como um convite ao louvor.

2.6 Guias competentes

Hoje, como noutras épocas, propor a fé é convidar os jovens a comprometer-se nos caminhos da experiência cristã. É dar os primeiros passos no sentido de fazer com eles uma parte do caminho. É criar um clima e um ambiente que lhes dê o prazer de confiar e o desejo de ir mais longe.

Para isto, é preciso ter animadores competentes... Homens e mulheres que conheçam os caminhos que acabamos de mencionar; que já os tenham feito primeiro, com as suas alegrias e dificuldades. Guiar ou iniciar é sempre conduzir através de um caminho, cheio de obstáculos, seguros de que esse caminho nos leva a algum lado, e que é bom para nós. É marcar etapas, situar os descansos, saber o que já se andou e saber o que ainda falta para atravessar.

Jesus dizia: “Vinde e vede!”. Precisamos de animadores que se arrisquem a convidar os jovens para algo diferente, por vezes duro, mas profundamente libertador.

Precisamos de animadores, capazes de propor e contagiar a força para viver!

A nossa oferta ou proposta não pode dirigir-se apenas à razão ou à memória, mas sim à felicidade do ser, ao conceito e à alegria de viver. Devemos ser capazes de desafiar os jovens a fazer a experiência de viver a vida, sob o impulso e o poder do Espírito.

Como dizia João na sua primeira carta:

*“O que existia desde o princípio, o que ouvimos,
o que vimos com os nossos olhos,
o que contemplámos e as nossas mãos tocaram
relativamente ao Verbo da Vida, de facto, a Vida manifestou-se;
nós vimo-la,
dela damos testemunho
e anunciamo-vos a Vida eterna
que estava junto do Pai
e que se manifestou a nós
o que nós vimos e ouvimos,
isso vos anunciamos,
para que também vós estejais em comunhão connosco.
E nós estamos em comunhão com o Pai
e com seu Filho, Jesus Cristo.
Escrevemo-vos isto
para que a vossa alegria seja completa”*

(1 João 1, 1-4).

Para que esta proposta possa ser acolhida pelos jovens, são precisas pessoas (animadores), cujo coração, cabeça, corpo e respiração se tenham cruzado com a “boa notícia”, e que estejam dispostos a ir ao encontro dos jovens, convidando-os a caminhar na mesma direcção.

Não é preciso que sejam testemunhas extraordinárias nem grandes personalidades, mas sim pessoas próximas, crentes normais, que se atrevem a dar razões para viver e para esperar, apesar de tudo.

III Propostas de itinerários / de projectos

**Os itinerários devem ser
ao mesmo tempo
simples e concretos:
devem conduzir
em direcção à fonte – ao essencial**

Tendo em conta o contexto cultural instável: como fazer chegar a alguém as orientações que acabmos de indicar?

Formulando a pergunta em termos muito realistas: no que diz respeito a propor a fé aos jovens... o que é que podemos esperar (de forma razoável e pertinente) das famílias, das paróquias, dos movimentos, dos centros escolares, dos meios de comunicação da cultura?

Para cada um destes âmbitos propomos um conjunto de possíveis itinerários; entre eles poderemos escolher com toda a liberdade as pistas que nos pareçam realizáveis: as sugestões são muitas... não são para anotar todas... apresentamos muitos com o objectivo de permitir a uns e outros encontrar os itinerários possíveis, adaptados à sua situação, ao seu ritmo...

Trata-se aqui de despertar a fé nas crianças, adolescentes e jovens... Por isso estes itinerários devem ser ao mesmo tempo simples e concretos:

Itinerários para as famílias

Corresponde aos pais convidar os filhos a dar os primeiros passos que os conduzirão à fé, como prolongamento do baptismo que muitos deles pedem para os seus filhos...

Previamente queremos sublinhar o seguinte:

Itinerários nas paróquias

A paróquia, «un relevo» (?) aprofundar isto...

A paróquia, uma rede

Este itinerários próprios das paróquias pertencem a três grupos (tipos) de projectos

- Projectos impulsados pela vida

- Projectos propostos pela igreja
- Projectos de iniciação aos sacramentos

Itinerários para inventar

Itinerários nas escolas (não tratar nesta ocasião) – pois não tem correspondência com a realidade

Itinerários para grupos e movimentos de jovens

Itinerários a partir da leitura dos acontecimentos

Itinerários inter-relacionados e convergentes

Relatos Narrados

Relatos que fazem pensar, que iluminam o que estamos a viver, que convidam a ver mais longe, a ir mais longe

A fé cristã funda-se numa experiência pessoal, mas também tem necessidade de se manifestar com palavras, com convicções, com algumas fórmulas essenciais. São estas palavras, convicções, fórmulas que abrem para o diálogo entre irmãos crentes e que se relacionam com a história de Jesus (?) procurar original...

Com que palavras manifestarão os jovens a sua fé? Como ensiná-los a falar a linguagem da fé? A falar a língua do evangelho? Como dar-lhes acesso ao essencial da história e da mensagem de Jesus?

Para responder a estas perguntas não é necessário fazer aqui uma exposição orgânica e completa sobre a fé cristã ou a missão da catequese na igreja. Para isso podemos remeter para os catecismos que já existem: o catecismo da igreja católica e muito particularmente o diretório geral para a catequese – eles constituem referências básicas.

Não queremos propor mais uma distribuição do conteúdo da fé em função das diferentes idades sociológicas das crianças, adolescentes, etc...

Limitamos-nos a insistir numa indicação que é importante. Fazer um esforço colectivo para propôr a fé aos jovens – é muito útil. É também indispensável que o conjunto dos responsáveis – pais, responsáveis de paróquias e dos movimentos, educadores escolares... - cheguem a acordo sobre uma referência pedagógica comum: quais os relatos da fé a usar para narrar a fé...

Para que as intervenções de uns e outros se reforcem e se revelem convergentes, sugerimos usar o método da narração. É o método de sempre, aquele que melhor serviu para expressar a memória dos povos e a sua visão de futuro.

Ao longo dos caminhos e dos projectos que esboçamos, como chegar a manifestar a fé? Por meio dos relatos. Relatos narrados entre jovens e adultos «fazendo caminho» na procura da fé. Antes ensinava-se aos jovens as palavras e os conteúdos da fé principalmente pela via da explicação, da definição e da repetição. Hoje, sabemos, os jovens não estão dispostos para

grandes discursos, nem intelectual nem sociologicmanete. Recusam a aprendizagem numa linguagem que desconhecem. A pedagogia que eles conhecem –fez rupturas – com as práticas da repetição e da linguagem abstracta...

Aprenderão a falar da fé, falando-a com outros crentes, de forma mais espontânea do que antes. A partir de uma realção directa com as suas experiências. Através de uma comunicação testemunhal que saiba falar a linguagem da fé. Por meio de uma espécie de imersão num clima de fé. Em primeiro lugar, mas sem exclusão por meio de relatos.

Porquê os relatos?

Porque o relato é modo mais simples e universal para transmitir uma história, uma memória, uma fé. Porque os jovens partilham mais facilmente os relatos do que as verdades abstractas. Porque a bíblia é do princípio ao fim, de Abraão até Pedro, Paulo e os outros apóstolos, o relato das testemunhas, que querem «dar testemunho da luz» que ilumina as suas vidas....

Porque o credo origem da fé em Deus, se diz de uma forma narrada (e é assim que se continua a dizer entre os judeus os nossos pais na fé). «O meu pai era um arameu nómada, desceu ao egipto com um pequeno grupo... os egipcios maltrataram-nos... invocamos a Javé, o Deus dos nossos pais... ouviu a nossa voz... e Javé tirou-nos do Egipto... (Deut. 26).

Porque o relato é um modo de expressão pessoal, é deste modo que os jovens aprenderão a tomar a palavra na sua fé. Não é verdade que estamos constantemente a pedir que a palavra dos crentes seja mais livre e restabeleça o fio condutor entre a palavra dos homens e a Palavra de Deus?

Por isso a prática da narração e a concentração em alguns relatos fundamentais podem constituir uma espécie de referente comum, «narrar é magnificar a verdade para que se veja de longe» (Gilles Vigneault). E para que se veja de longe os relatos devem concentrar-se no essencial.

Cinco relatos fundamentais

O relato de uma terra amada, visitada e habitada por Deus.

O relato da genese da vida e do destino do universo

O relato do sonho perdido e da esperança encontrada

O relato do chamamento à fraternidade entre os homens

O relato das coisas começadas mas ainda não acabadas.

Vejamos nestes relatos o esforço para manifestar hoje as «razões comuns» que nos reunem na fé. Os relatos não substituem o credo. Mas no que constitui o fundamental do credo, encontramos a cadeia histórica dos relatos que aqui sugerimos.

São relatos para narrar às crianças e aos jovens a partir dos itinerários afectuados na família, nas escola, na paróquia, nos movimentos... Não são conteúdos para «passar»; são relatos que fazem pensar, que clarificam o que estamos a , a ir mais longe. Como o caminho que o Etíope faz em companhia do diácono Felipeviver, que convidam a ver mais longe, os dosi partilham relatos da vida, à luz do relato do servo de Yavé (livro do profeta Isaías).

São relatos para os «tecemos» com os acontecimentos da vida diária. Com as lutas, tristezas e alegrias da vida... Ser crente, descobrir na nossa história pessoal algo desta história «Santa». Ser capazes de narrar esta história «santa» da vida diária, relacinando-a com os relatos dos primeiros irmãos na fé, com o legado de todos os que procuram a Deus desde abraão e Sara... e sobretudo com a Vida de Jesus de Nazaré e os primeiros discípulos.

Sublinhamos que estes relatos são para os relacionar com a experiência dos jovens na cultura do seu tempo. São para os compreendermos (ultrapassando um sentido redutor – como se falássemos de universos diferentes)... temos de estabelecer pontes com a cultura atual... a fé nasce e infiltra-se no seio da cultura. – como a água molha o chão – Muitos fios, formando um único tecido a tela da vida.. Não há fé sem tecer os fios que une estes relatos com a cultura. Indicamos também – juntamente com estes relatos, os elementos particularmente importantes da tradição cristã que deveriam enriquecer a imaginação e a memória dos jovens. São apresentados com o título «elementos de memória». Queremos assinalar a importância da memória na transmissão e na proposta da fé. «Ao longo da vida, a memória é a faculdade deliciosa que revitaliza o coração» (Jean Guiton)

O relato de uma terra amada e visitada por Deus

No coração da fé cristã existe a certeza de que esta terra é amada por Deus. ele visitou-a. Ele habita-a. Quis estabelecer uma aliança com a humanidade, através da história humana. Fez uma aliança com Abraão e Sara e os seus descendentes. M Jesus renovou-se esta aliança com todos os povos da Terra.

Índice

- 1- Uma perspectiva de renovação
 - Do rio à fonte
 - Dos programas aos itinerários
 - Novos caminhos

 - 2- Caminhos por explorar
 - O caminho da ajuda solidária
 - O caminho da palavra partilhada
 - O caminho da oração interior
 - O caminho do pão partido
 - Guias competentes

 - 3- Propostas de itinerários / de projectos
 - Itinerário para as famílias
 - Itinerário nas paróquias
 - Itinerários nas escolas
 - Itinerários para grupos e movimentos de jovens
 - Itinerários «ao sabor» dos acontecimentos

 - 4- Relatos Narrados
 - O relato de uma terra amada, visitada e habitada por Deus.
 - O relato da genese da vida e do destino do universo
 - O relato do sonho perdido e da esperança encontrada
 - O relato do chamamento à fraternidade entre os homens
 - O relato das coisas começadas mas ainda não acabadas.
- Conclusão: pôr-se a caminho